

# O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

**ASSIGNATURA**

Braga: mez 100 rs.: trimestre, 300 rs.  
Provincias: trim., 330 rs.  
Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 30 de Março de 1893

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua de Santa Margarida  
N.º 66

**EXPEDIENTE**

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que em breve procederemos á cobrança.

Pedimos tambem a todos os academicos, que tenham de se retirar para férias e nos honram com a sua assignatura, a fineza de nos enviarem a direcção das suas moradas.

**AGRADECIMENTO**

Penhoradissimos agradecemos as palavras que diversos jornaes nos tem dirigido, especializando entre estes «A Lucta» cujos conselhos, como humildes discipulos d'alguns dos seus illustrados redactores, procuraremos seguir.

**AMORES! AMORES!...**

**I**

CAELUM ANTE MORTEM

Amar-te... amar-te, ó virgem dos meus sonhos.  
Amar-te doidamente e ser amado,  
Reclinar-me em teu collo immaculado  
Libando... amor em teus labios risonhos...

Transpôr abyssos tetricos, medonhos,  
Para te unir ao meu peito auciado.  
Em noites de phantastico noivado...  
Olvidando os meus dias enfadonhos...

—Eis a extrema ventura a que eu aspiro,  
Joven loira por quem tanto suspiro...  
Do contrario... antes quero o mausoléo.

Mas tu olhas...—Que olhar tão mavioso!...  
Já não quero morrer... A vida é gozo...  
E teus olhos azues são o meu céu!...

**II**

**Amar! Amar...**

Amar! Amar!—ó minha flor querida!...  
Amar! Amar uns olhos como os teus...  
Amar a estrella que nos ri dos céos...  
Amar-te, ó virgem bella e estremeçada!...

Amar! Amar! O amor é lei da vida...  
Amar! Pôr-te na bocca os labios meus!...  
Amar um aujo até morrer, meu Deus!...  
Amar! Amar uma alma á nossa unida!...

Amar e, de teu seio a arfar d'anelos,  
Ir pondo a descoberto os brancos tyrios,  
Bestraçando sobre elles teus cabellos!...

Depois... ai!! desmaiar no teu regaço,  
Confundindo entre beijos e delirios  
Nossas vidas ardentes n'um abraço!...

M. Gonçalves Cerejeira.

**IMPRESSÕES**

**II**

(no meu quarto)

Quando, sentado á minha pequena meza de estudo, levanto um pouco a cabeça e affasto os olhos do livro que leio, não vejo e ouço senão fa palavra—Saudade; sinto-a gravada em volta do coração, destingo-a em tudo o que me rodeia e ouço-a no mais leve rumor da Natureza.

«Recordas-te d'aquelle tempo em que faziamos capellinhas a S. João e S. Pedro?»

Dizem-me tantos amigos da infancia...

«Já te esqueceram aquellas historias de João Periquito e Pedro de Malas-artes que eu te contava?»

Pergunta-me minha avó.

«Lembras-te da alegria que tiveste quando te comprei o livro dos bichos, teu primeiro livro de leitura?»

Diz-me meu pae.

Tens dito sempre aquella oração que tantas vezes te ensinei: *N'esta cama me deito, d'esta cama me levanto?...*

Pergunta-me minha mãe.

«Será possível que esquecesses aquelle grande amor que portanto tempo atormentou e encantou o teu joven coração?»

Dizem-me tres cartinhas que possuo.

E eu não posso responder a tudo isto tão bello e pathetico senão com um saudoso suspiro; senão embebendo o coração em «amargo gosto»!...

E, fixando de novo os olhos so-

bre o meu livro, prosigo no meu estudo.

Comtudo nos dias em que esta saudade mais me impressiona e transporta a esses tempos felizes que passaram, eu sinto tanta necessidade de pensar como de estudar; tanta necessidade de entreter o meu espirito com a recordação do passado como com a esperança no futuro.

A recordação do passado traz-me a dôr, é verdade, mas ao mesmo tempo me pinta a felicidade e dá uma certa consolação; e a esperança no futuro, ainda que ella corresponda a uma invejavel situação, não me trará senão mais fadiga, mais ambição e mais inquietação...

E é por isso que, quando vejo duas creanças brincando tão despreocupadas e alegres como duas borboletas de flôr em flôr, eu sinto só—Saudade...

E é por isso que, quando vejo uma alma candida e nobre, como eu sonhei, encarnada n'um vulto de neve com olhos côr de céu e cabellos côr d'oiro, eu sinto só—Amôr.

Braga, 17—III—93.

M. Augusto Granjo

**QUANDO?...**

Quando verei teu rosto seductor inclinar-se p'ra mim alegremente, teus labios purpurinos, suavemente dizerem-me ao ouvido—Meu amor.

Mal tu sabes, querida, a minha dor, agora que de ti vivo ausente; não avalias o meu soffrer pungente, em me faltar teu rosto tentador.

Esse sorrir de graça e de magia que despertava amor, quando te via passar perto de mim soltando ais,

deixou fiar minha alma ao abandono como as folhas cahidas em outono, a dizer com saudade:—nunca mais.

P. Bastos.

A Beatriz

Pallida Beatriz, lua d'Abril,  
Porque o teu seio branco alabastrino  
E esse teu fulgor adamantino  
M'escandecem a mente juvenil ?

Porque vejo um enleio teu, febril,  
E vejo, n'um amor sancto, divino,  
Mostrar's-me o licor ebrio, purpurino,  
Que dão teus labios n'um sorrir gentil ?

Porque poyoaes em visões meu leito  
E le não sinto eu enlaçada ao peito  
Quando desperto louco de prazer ?

O' Beatriz, ama-me um só instante...  
E eu sentirei alegre, delirante,  
Dar-te n'um beijo todo o meu viver !

M. Oliveira.

RETALHOS

II

Defronte da casa em que estou  
escrevendo mora um brasileiro,  
que, não obstante o rheumatismo  
que o constrange a uma vida sedentária,  
faz-me lembrar d'alguns romances do immortal Camillo.

Lenificam n'õ de resignação,  
doirando-lhe d'um mixto de contentamento e ufania os longos dias pesados de dôres d'ossos, duas filhas que tem, chilreantes como duas avesitas joviaes ao vir da primavera, lepidas como duas borboletas folgezãs.

Vejo-as, de vez em quando, á janella, esbeltas e airozas, uma loira, d'olhos azues, a outra d'olhos e cabellos castanhos.

Entreabrem-se-lhes ás vezes os labios n'um sorriso encantador, a um meigo volver d'olhos, como uma flôr abre a corolla aos raios do sol...

O seu divertimento é o piano.

Agora mesmo, uma d'ellas percorre com os seus roseos dedinhos o teclado, ferindo notas vibrantes de melodia arrebatadora n'um crescendo de languidas volatas, para smorzar em seguida n'uma branda maviosidade de ritornellos, que parece fazer errar o meu espirito por outros mundos, como quem entontece d'amor aos pés d'uma dama que nos acaricia...

Parece, porém, averiguado que eu devo corar no sacrificio de acompanhar uma dama!

E porque não, sobretudo se a dama é bella e a saude tambem não é má?...

Ah! agora me lembro. Ainda ha outra casta de gente que tambem não cora, porque padece, como teima em nos fazer acreditar, de lesões cardiacas, de chloroses, de phtysicas incuraveis e toda essa bagagem pathologica que seria enfadonho enumerar. Essa gente são os nephelibatas.

Não quero com isto desrespei-

tar todos os sequazes do nephelibatismo, por alguns dos quaes sinto verdadeira sympathia e admiração. Não digo que alguns não sofram realmente. Mas a maior parte veem, com um pessimismo exagerado, manifestar-nos, no seu macabrisimo litterario, a mania de que estão a morrer... E ás vezes cheios de saude.

Provavelmente padecem da tenia.

Ou comem só agriões, como preservativo contra a molestia de peito.

Faz-me isto lembrar um caso, ainda hoje succedido, d'um meu amigo intimo, academico e poeta, que ha pouco me veio dizer que ia consultar um medico, porque lhe parecia que estava muito doente, e receava passar a phtysico... Pasmeei, encarando no seu rosto e vendo n'elle côres sadias e nenhum symptoma do mais ligeiro incommodo.

Julguei-me na presença d'um nephelibata *enragé* da ultima fornada.

Tentei dissuadi-lo do seu proposito, observando-lhe que elle apresentava um aspecto saudavel. Teimou e foi fallar com o doutor. Quando voltou, estava completamente curado, porque só o medico, fazendo o acreditar na sua auctoridade e capacidade scientifica, foi capaz de o convencer de que não tinha mal algum, além da scisma que o affligia; não deixando comtudo, para o contentar, de lhe receitar ferro.

Estou em crer que esta obstinada preocupação do meu amigo poeta obedecia a influencias morbidas da corrente nephelibata.

Todavia, tambem eu, apesar de então não ser nephelibata, ha perto de dois mezes ainda, não corava, porque m'õ não permittia a anemia profunda, que me fazia andar mais pallido que este papel em que escrevo. Mas era real, essa anemia—antes fosse nephelibata.

Porém agora que a quina e o proto-iodeto de ferro, tirando-me a apparencia de cadaver galvanizado, me fortaleceram de globulos sanguineos, eu devo gostar de pôr ao peito as flôres dos canteiros e as rosas das salas—as damas...

E Deus me conserve assim, por largos annos e bons. Que é porque não tenho a bicha solitaria.

Deus nos livre d'ella.

Socegou o piano das minhas visinhas.

Estão ellas agora cochichando e rindo á sacada.

Peco aos meus jovens leitores a devida venia de ir ao quintal buscar uma simples violeta, para me por á janella, sem me rir, apruma-

do e catita, de flôr na botoceira, a olhar para a loira, d'olhos azues, e para a dos olhos e cabellos castanhos...

Braga, Março, 14: 1893.

M. Gonçalves Cerejeira.

A\*\*\*\*

Olha Maria: o Mar negro e feio  
Corria com as ondas encrespadas.  
E agora vasa as aguas descansadas  
E mostra a areia tremula no seio.

Olha o ridente dia que nos veio,  
Apoz tão pavorosas trovoadas.  
Olha as terras de flores esmaltadas  
No travesso matiz, da vista enleio.

Tal, inconstante Maria, é minha vida  
Sou triste ou sou alegre, quando vejo  
Tua face irada ou de rigor despida.

Se me afagas, sou prado que verdejo,  
Se te esquivas, campina desabrida.  
Tanto de mim dispõe o meu desejo!

Danton.

Harmonias da natureza

(Ao meu amigo A. Granjo)

Nas ondas do occidente  
O sol se inclina ao mar;  
Um raio do poente  
Me vem aos pés vibrar;  
E com o seu tropheo  
No horisonte doirado  
De purpura trajado esplende o ceo!

Ao longe rugo o oceano;  
Rescende ao perto a flor;  
Além o pégo insino;  
Aqui um casto amor;  
A imagem do poder  
E da belleza a imagem,  
De um Deus alta mensagem mandam erer.

Elias Alves.

Um abraço

Foi ao romper d'uma d'essas manhãs primaveraes em que a alma se deixa embriagar pelos cantos melodiosos do rouxinol e pelos sons fortes e agudos do melro que Margarida foi sentar-se á sombra das frondosas arvores, que margeiam as limpidas e crystalinas aguas do rio\*\*\* que, depois de se despeñarem pelos altos penedios das escabrosas montanhas, vêm enfim contribuir para a amenidade dos espessos arvoredos que Margarida escolhera para passeio.

Era alli que ella iria dentro em pouco desabafar com as aguas as suas paixões que tanto a faziam soffrer.

A visita, na noite antecedente, d'um primo ha pouco chegado de New-York viera despertar-a da vulgar solidão em que costumava encontrar-se e produzir n'ella uma verdadeira affeição pelo primo ou antes, um verdadeiro amor.

Poderia desabafar com alguma das amigas esta paixão que a inquietava;

mas tinha sido tão rapido o nascimento d'aquelle amor que Margarida julgou conveniente occultal-o ao mundo durante algum tempo.

Era n'isto que ella meditava quando sentada sobre a relva verdejante que guarnecia as margens d'aquelle formosissimo rio.

Era pelo primo que ella derramava as primeiras lagrimas d'amor que se rião ou não enxugadas pelos carinhos e palavras meigas d'aquelle em que Margarida pensava.

Mas quando uma mulher formosa e bella como Margarida se apaixonou pelo homem de quem gostou, ainda que o coração d'este esteja revestido d'uma couraça de bronze, deixará dentro em pouco cahir a força que o resguardava para escutar as palavras inebriantes d'essa mulher. Era assim que acontecia a Carlos.

Valente militar ouvira mil vezes o sibilar das balas e a aproximação do tempestuoso inimigo, avançando a passos largos; mas nunca recuára perante essas enormes potencias.

Margarida podia orgulhar-se da sua belleza; mas succedia o contrario. Jazia inerte pensando em Carlos quando de repente se levantou, dirigindo os olhos d'onde deslisavam prantos, para umas arvores que se inclinavam sobre o rio, julgando estar alli gente.

Parecendo-lhe, todavia que se havia enganado, de novo se assentou continuando n'aquella meditação.

Passados alguns segundos sabia d'um bote Carlos que ella mal viu por entre a ramagem dos arvoredos, não lhe passando todavia pela mente que fosse o primo em que ella tanto pensava.

Sem hesitar pegou no leão limpando rapidamente os olhos.

Então Carlos que, ao desembocar d'um caminho a reconheceu aproximou-se d'ella e disse-lhe:

—Como é bella uma rosa poisada na profundidade d'estes bosques!...

Como é galante a brisa ao tocar levemente as petalas d'uma rosa tão formosa.

E será perdida que essa rosa vem pairar a tão agradável sitio? Só ella o sabe.

Margarida que estava com os olhos no chão contemplou Carlos e disse-lhe:

—Veio tambem passear, primo?

Carlos sentou-se junto d'ella e respondeu:

—Não Margarida. Vim procural-a para poder estar junto de si alguns instantes.

Tenho de partir ainda hoje e, como talvez não tivesse occasião tão opportuna como esta, aproveitei-a para poder dizer-lhe as palavras que o coração me dicta.

A noite passada escreveu em meu peito impressões que nunca poderei esquecer.

—E qual é a causa d'essas impressões?

perguntou Margarida com curiosidade.

Carlos abaixando os olhos disse:

—E' o a...

—Diga, primo.

—E' o amor que lhe dedico!

Carlos ao proferir estas palavras cahiu de joelhos aos pés de Margarida que lhe pegou na mão para o suster, dizendo-lhe.

—Sou tua, Carlos!

E ambos se confundiram n'um estreito amplexo.

Braga, 17 de Março.

Sebastião de Sá.

—\*—\*—\*—

Ao meu amigo

NARCISO FARIA LIMA

Soneto

Accêita, amigo, os versos que ali vão  
Accêita-os com bondade e com carinho:  
Mas oh! se penso em ti... logo definho,  
E dos Arcos?... fatal recordação!

Eu para mim imagino a affligão  
Que ha s de ter soffrido! (aqui baixinho):  
De dia te persegue o *Casadinho*  
Não tarda o Alquilador co'um apertão.

Mas, olha, queres remedio genuino?  
Vai á Vinicola, veloz, corre ligeiro  
E aloga-me esta magua em vinho fino.

Dos Arcos brindarás ao povo inteiro  
A' sua honra, saúde, ao seu destino...  
E á pena que me deixa o meu dinheiro!

F. D.

—\*—\*—\*—

PERFILISANDO

**Cruz Ferreira.**—E' um perfeito modelo do estudante de ha cincoenta annos. Desses tempos felizes em que estudaram os nossos mestres d'hoje; desses tempos em que os estudantes não entravam em cafés, nem liam jornaes, nem fumavam aos dez annos como agora; d'esses tempos em que se estudava syntaxe e sabia jogar o pau.

Tem Cruz Ferreira uma estatura regular, uns bigodes pequenos e muito retorcidos, um olhar penetrante.

Ha pouco usava chapéu molle; agora (sabe Deus com que sacrificio!) usa chapéu de côla.

Como amigo, é um dos mais francos e sinceros que possuímos e temos conhecido; é um rapaz alegre, com a consciencia sempre tranquilla e muitas vezes cheio de graça.

Como estudante, não conhecemos quem estude mais nem melhor.

Serve-nos de explicador não poucas vezes. E fal-o com tanta modestia e boa vontade que nunca nos esqueceremos d'isto.

**Vaz d'Araujo.**—Inspira-nos exactamente as mesmas palavras que Cruz Ferreira. Comtudo diremos mais:

E' um pouco mais pacato; para estudar, isola-se. Quasi não ha brincadeira que o distraia e tire da sua natural seriedade. Apezar de ter sido sempre um optimo estudante, tem sido muito pouco feliz. Porém, estamos quasi certos e de, sejamos do coração que lhe hão de ser compensados ainda todos os males passados.

E' pena que este talentoso rapaz e outros como elle não queiram e procurem escrever alguma coisa.

Tem mais medo agora a publicar qualquer coisa do que tinham ao *papão* quando eram meninos.

**Manoel de Brito.**—Uma singular sympathia nos liga a este estudioso academico, tão despretencioso em suas maneiras como rizonho e affavel.

Não cuida senão das suas lições; e, quando as ferias estão proximas e se lembra que ha de ir no comboyo para a sua terra, faz-nos lembrar a alegria do povo de Israel, voltando do captiveiro de Babilonia!...

Tem talento; mas tem mais applicação e bondade.

E' muito aprasivel ver este rapaz com o seu bigodinho preto já saliente e o seu coração ingenuo e puro.

E' um d'aquelles amigos que nunca se podem esquecer. A mim assim me acontece.

Eurico de Cartêa

—\*—\*—\*—

TEMPOS PASSADOS

(A minha mãe)

No meio d'um silvado ou encontrei um  
ninho  
De lindas pombas brancas, brancas como  
arminho,  
A quem eu queria tanto, a quem eu tanto  
queria  
Que amei as pombas brancas com santa  
idolatria.

Depois, sempre que vinha a luz d'um novo  
dia,  
Eu ia ver as pombas a quem eu tanto  
queria.  
Até que uma manhã, ao chegar, elles  
voaram,  
E as pombas me fugiram e nunca mais  
voltaram!

Assim meigos sonhos de summa felicidade  
Aos quaes eu já enamei a minha mocidade,  
Fugiram como as pombas e nunca mais  
voltaram!

Braga, 14—3—93.

Baptista Ribeiro.

—\*—\*—\*—

À PRESSA

(A. X. . .)

1

Profundo silencio envolve a cidade; ricos e pobres, estes em nuas taboas

ou esburacadas enxergas, aquelles em esplendidos e custosos leitos, ha muito que vagueiam pelas negras regiões do Sonno. Só eu, cuja alma profundamente dilacerada pela morte d'aquella que eu fizera meu Deus e a quem adorava como tal, ancia por se livrar do envolvero terrestre que a prende e remontar ás regiões purissimas, para onde a sua (se é verdade o que me disseram na infancia) deve ter subido n'uma apothose deslumbrante e triumphal, só eu vagueio ao acaso pelas ruas desertas e silenciosas da cidade adormecida.

De repente estremeço; vejo diante de mim, e aberta de par em par a brousea porta do cemiterio; que mão mysteriosa me guiara atravez as ruas da cidade até a mansão dos mortos e depois me abriu a porta que a essa hora devia estar fechada? Sem bem saber o que faço entro, e approximo-me do lugar onde agora repousava para sempre o corpo, outr'ora tão formoso da minha querida X...

II

No ceu scintillam milhões de estrelas e a alma lança sobre a terra a sua pallida claridade, parecendo depor sobre os marmoreos tumulos longos e frios beijos; a brisa agita brandamente a ramagem sombria dos esguios cyprestes, fazendo-os ciciar mansamente, e esse ruído funereo e triste era como que a prece que os mortos elevavam ao Altissimo. Algum mocho, melancolicamente empoleirado n'um ramo ou pousado n'um mausoleo era o unico vivente que povoava a habitação da Morte.

E eu vagueava absorto e meditando por entre os tumulos procurando o sitio para mim sagrado, onde envolto em terra dormia o corpo de X... Caminhava lentamente, e como que no vago, quando um ruído de passos, mas tão subtil que, quasi se confundia com o ciciar dos cyprestes, me chamou á realidade; olho e vejo adiante de mim um vulto que não conheci se seria um phantasma, ou algum ente amado.

A sombra deslisava como uma sylphide por entre os tumulos, mas a curiosidade dava-me asas e em breve lhe distingui as formas esbeltas e delicadas occultas sob um alvo sudario, e os longos e fluctuantes cabellos que a brisa beija com soffreguidão. Era então uma mulher?

III

Este pensamento fez-me correr mais velozmente e ia finalmente alcançar o espectro, quando de repente elle desapareceu por detraz d'um mausoleo; fiquei attonito e desesperado, mas d'ahi a pouco vi-o sentado no degrau do tumulo, e ia caminhar para elle quando o meu nome pronunciado pelo phantasma me fez ficar pregado no solo. A principio julguei ter-me enganado, mas logo me convenci de que era verdade, pois que elle pronunciara

novamente o meu nome e d'esta vez acompanhado de soluços.

Então conheci que aquella que perseguira por entre os tumulos era a minha adorada X... reconheci o seu rosto divinalmente bello, e approximando-me d'ella, e ajoelhando a seus pés, tomei-lhe entre as mãos a cabeça para lhe depor um fervido beijo na fronte immaculada.

Porém de repente levanto-me de golpe e solto um grito espantoso!

Tinha nas mãos uma caveira que parecia fitar-me horriavelmente com as orbitas vasias, e rir-se do meu terror. Ao mesmo tempo senti que a meus pés cahiam os ossos d'um esqueleto, e eu cahi sem sentidos por cima d'elles...

Porém no mesmo instante despertei. Acordara-me o tombo que dera cahindo da cama abaixo, e o enorme estrondo que se lhe seguira; e em vez de me encontrar ao lado dos teus ossos achei-me simplesmente coberto de suor frio e com um gallo monumental na testa.

Hugo de Freitas

Foram decifradores do logogrifho:

Manoel Candido Rodrigues da Silva, José Baptista da Silva, Raul Moreira e Manoel Barbosa de Brito.

Da pergunta Raul Moreira e José Mesquita d'Araujo.

O segundo decifrador do logogrifho do primeiro numero foi o sr. Antonio José Baptista Feliz, e não o sr. Luiz da Cruz Ferreira, como erradamente dissemos.

Decifrações do numero anterior

Das charadas

Sicario — Famosa — Sipó — Socairo — Sofala — Papa-peixe — Petropolis — Camaleão — Cazoar — Hebdomadario — Mochila — Caravella — Oceano.

Do logogrifho

Rosalina

Da pergunta

Mississippi

Das charadas electricas

Arara — Odo

LOGOGRIPIOS

Domina até o que é menos temerato — 1—10—6—5.

Essa pujantissima intelligencia — 6—2—8—4—10.

Já o tinha Adão, Noé, e Viriato — 8—7—1—10.

Sempre em paz com a sua consciencia — 3—2—8—9—5.

De cima, abaixo atravessa tu o mundo Ou faz n'elle profunda excavação, Antes de chegares bem ao fundo Terás encontrado a decifração.

Braz Matheus.

Nome proprio — 2—10—1—2.

Hortaliça — 10—2—3—11.

Arbusto — 3—4—5—6—9.

Rio — 14—6—7—8—2—10—13.

Nome proprio — 14—9—12—2.

Nome proprio.

Arch.

O primeiro assignante, que nos enviar a decifração dos logogrifhos, receberá como premio, do primeiro «Mysterios de Fafe» e do segundo «O segredo d'um medico».

Enigma

Formar com as letras seguintes os nomes de tres homens notaveis de Portugal.

6  
A  
1 3 1  
F C G  
1 1 5 4 1 1  
H J O L N R  
3 1 3  
E T I  
2  
S

(Nota: os algarismos collocados por cima das letras indicam o numero de vezes que se devem tomar para formar os nomes).

H.

Premio: «Um carnaval de Paris» romance de Mery.

Charadas electricas

A's direitas e ás avessas, na ave — 2.

A's direitas e ás avessas, adjectivo — 2.

A's direitas e ás avessas, verbo — 2.

A's direitas, jogo e ás avessas medida — 2.

Valet de coeur.

Charadas novissimas

No homem, na mulher, esta ave. 2—2.

Na musica, alumia, no mar. 1—2.

Este rio, este tecido, come-se. 2—1.

No homem, alumia, no mar. 2—2.

No homem, este escriptor, é charlatão. 4—2.

Na igreja, na musica, no campo. — 2—1.

Aqui, esta serra, no mar. 1—2.

BRAGA  
Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel  
Manoel Antonio de Paiva